

Luana Frigulha Guisso  
Ivana Esteves Passos de Oliveira (orgs.)

# DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES 5

**Teoria e prática em educação,  
ciência e tecnologia**

Luana Frigulha Guisso e  
Ivana Esteves Passos de Oliveira (orgs.)

# **DIÁLOGOS**

# **INTERDISCIPLINARES 5:**

## **Teoria e prática em educação, ciência e tecnologia**

1ª edição

Vitória  
Diálogo Comunicação e Marketing  
2023



*Conselho Editorial*

Dr. Marcus Antonius da Costa Nunes

Dra. Luana Frigulha Guisso

Dra. Ivana Esteves Passos de Oliveira

Dra. Sônia Maria da Costa Barreto

Dra. Tatiana Gianordoli

Dra. Juliana Martins Cassani

# Apresentação

A concretização do imaginado, consubstanciado em métodos analíticos do pesquisador. Eis que se delineia a quinta edição do e-book Diálogos Interdisciplinares – teoria e prática em educação, ciência e tecnologia, um compilado de artigos produzidos pelos alunos e seus orientadores no curso de Mestrado em Ciência, Tecnologia e Educação do Centro Universitário Vale do Cricaré (UNIVC).

Em mais essa edição podemos evidenciar a emancipação de mestrands, por meio da relação docente-discente, o professor, investido como orientador e revestido da missão de educador e emancipador do sujeito em interlocução. Uma relação prenunciada em Paulo Freire, como de construção e expansão mútua, constituído em uma espécie de “poder envolvente”.

A edição de número 5 traz como conteúdo pesquisas que abarcam a educação infantil e suas estratégias lúdicas, a importância do acompanhamento do pedagogo no ensino e aprendizagem, as práticas pedagógicas da educação quilombola, jogos pedagógicos, entre outras pesquisas que nos levam a refletir sobre nosso meio e também sobre o nosso cotidiano.

Cada um dos artigos evidencia a inquietação e a preocupação dos alunos e professores em promover debates a partir da realidade educacional, em vertentes e ambientes diversos. Com um percurso metodológico e uma revisão teórica singulares, discentes e docentes manejam o conhecimento para adentrar de maneira peculiar e singular o empreendimento de pesquisar o campo de estudo, tecendo, um caminho próprio de argumentação no processo de intervenção nas realidades escolhidas como contexto de estudo.

Em cada locus está o convite ao olhar ímpar de cada pesquisador, como no perscrutar das estratégias lúdicas em processos de ensino e aprendizagem, na habilidade de ensinar e aprender em um centro de Educação Infantil, na busca de marcas de cidadania e inclusão de estudantes com Síndrome de Down, nas práticas pedagógicas em uma comunidade Quilombola em que se analisou particularidades multiculturais, na aplicação do uso de jogos pedagógicos e seus benefícios para o letramento.

Ou ainda, procurando marcas autoridade para conter a indisciplina na escola. Ou no uso de metodologias ativas em sala de aula, no ensino de frações,

em práticas pedagógicas direcionadas ao EJA, nos hábitos alimentares no ambiente escolar, e, até mesmo, nas questões de estudos climáticos, em pesquisas sobre esportes; como o vôlei como prática esportiva, mediante a aplicação de técnicas determinadas.

A diversidade de olhares se apresenta nesse e-book nas investigações e fundamentações teóricas, e na parceria entre educando e educador, traduzindo-se uma obra que nos faz refletir de forma abrangente. Desse modo, convidamos você a participar desta coletânea de artigos.

Um grande abraço,

***Luana Frigulha Guisso e Ivana Esteves Passos de Oliveira***

# Sumário

ESTRATÉGIAS LÚDICAS NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM: UMA PESQUISA-AÇÃO NA EDUCAÇÃO INFANTIL .....	10
Andressilda Graça Santos Benevides e Nilda da Silva Pereira	
A IMPORTÂNCIA DO ACOMPANHAMENTO DO PEDAGOGO NO ENSINO APRENDIZAGEM DA EDUCAÇÃO INFANTIL DE UM CENTRO MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO INFANTIL DE PRESIDENTE KENNEDY/ES .....	31
Angelita Alves Almeida e Luciana Moura	
ESTRATÉGIAS E FERRAMENTAS PEDAGÓGICAS PARA A INCLUSÃO DE ESTUDANTES COM SÍNDROME DE DOWN NA EDUCAÇÃO BÁSICA .....	63
Brunela Lima Borges e Márcia Araújo de Araújo	
AS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS DE EDUCAÇÃO QUILOMBOLA NO CMEI BEM ME QUER: AVANÇOS E DESAFIOS .....	88
Cristina Pereira Baiense e Márcia Araújo de Araújo	
JOGOS PEDAGÓGICOS: UM ESTUDO SOBRE SEUS BENEFÍCIOS NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO .....	100
Dalvina Costa Fontana e Sônia Maria da Costa Barreto	
INDISCIPLINA ESCOLAR: O QUE PENSAM OS PROFESSORES DO 5º ANO ENSINO FUNDAMENTAL DE PRESIDENTE KENNEDY-ES .....	116
Delcenir Porto Costalonga e Luana Frigulha Guisso	

APLICAÇÃO DA LEI 10.639/2003 NA PERSPECTIVA DOS PROFESSORES DO ENSINO FUNDAMENTAL 1 DAS ESCOLAS QUILOMBOLAS JIBOIA E ORCI BATALHA EM PRESIDENTE KENNEDY/ES .....	137
Katia de Souza Merence	
FATO OU FAKE – COMO LIDAR COM AS FAKE NEWS EM SALA DE AULA .....	155
Kêmeron Chagas dos Reis Almeida e Pablo Ornelas Rosa	
QUALIDADE NUTRICIONAL E ACEITABILIDADE DA MERENDA ESCOLAR NAS ESCOLAS DE EDUCAÇÃO INFANTIL DE UM MUNICÍPIO DO INTERIOR DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO .....	185
Lívia França Costa e Luciana Barbosa Firmes Marinato	
O PLANEJAMENTO ESCOLAR PARA O USO DE METODOLOGIAS ATIVAS NA SALA DE AULA .....	204
Marcela de Orequio Fernandes Machado e Sara Dousseau Arantes	
ENSINO HÍBRIDO: UM ESTUDO QUANTITATIVO SOBRE A PRODUÇÃO BIBLIOGRÁFICA 2002-2021 .....	225
Marcelo Silva Bolzan e Anilton Salles Garcia	
O ENSINO DE FRAÇÕES PARA UMA APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA EM PRESIDENTE KENNEDY/ES – 6º ANO .....	238
Neila Alves Moreira dos Santos e André Luis Lima Nogueira	
PRÁTICAS PEDAGÓGICAS QUE CONTRIBUEM PARA A PERMANÊNCIA DOS ALUNOS DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS DO ENSINO FUNDAMENTAL SÉRIES FINAIS DA EMEF “BOM SUCESSO” MUNICÍPIO DE SÃO MATEUS - ES .....	251
Rita de Cássia Machado Gambarine e André Luis Lima Nogueira	

ESTRATÉGIAS DE LEITURA COMO RECURSO NA PRÁTICA PEDAGÓGICA DO PROFESSOR DENTRO DO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO .....	271
Silvana Aparecida Faria Santos e Luciana Teles Moura	
A IMPORTÂNCIA DOS BONS HÁBITOS ALIMENTARES NA EDUCAÇÃO INFANTIL PARA DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA ....	290
Vilma Alves Ramos Talyuli e Daniel Rodrigues da Silva	
APLICAÇÃO DAS TÉCNICAS DO VÔLEI DE PRAIA NO MUNICÍPIO DE MARATAÍZES-ES – CONSIDERAÇÕES ACERCA DA INFLUÊNCIA CLIMÁTICA .....	310
Weverton Santos de Oliveira e José Roberto Gonçalves de Abreu	
OS AUTORES .....	327

# FATO OU FAKE – COMO LIDAR COM AS FAKE NEWS EM SALA DE AULA

*Kêmeron Chagas dos Reis Almeida*  
*Pablo Ornelas Rosa*

---

## 1. INTRODUÇÃO

O mundo globalizado, principalmente este que emerge no século XXI através das plataformas digitais, nos expõe cada vez mais ao acesso à informação e comunicação mediadas por máquinas digitais que, com um simples clicar, nos permite acessar diferentes pessoas e lugares instantaneamente. Estamos a todos os momentos conectados a tudo e a todos, buscando dados sobre tudo e sobre todos. A alguns anos atrás, as pessoas só se informavam através do rádio e/ou televisão e, por muitas vezes à noite, pois era o momento que a maioria da população reservava para acompanhar os acontecimentos de sua cidade, estado e país, bem como de outras regiões do planeta. Isso sem falar naquela parcela populacional que tinha o hábito de ler as notícias em jornais impressos, uma realidade que não cabia em todos os contextos.

O fato é que hoje estamos muito próximos das informações, principalmente com a popularização da internet e, sobretudo, das plataformas digitais que emergem a partir da criação da chamada Web.2.0, utilizadas em aparelhos digitais, como smartphones, tablets, dentre outros, que, além de se tornarem acessíveis, também se tornaram portáteis. Não obstante, é importante destacar que a nossa proposta nesse momento não é adentrar no mérito de quem tem condições ou não de possuir alguma dessas ferramentas tecnológicas, embora seja certo que esses dispositivos de interação virtualizados se tornaram populares, permitindo com que a grande massa da população esteja conectada.

Diante disso, é possível compreender que as notícias circulam com muito mais rapidez e velocidade se comparado a alguns anos atrás, apesar de muitas de

suas informações serem passíveis de abarcarem mentiras, distorções sobre fatos e demais elementos que constituem aquilo que será apresentado como objeto desta pesquisa que trata da difusão de *fake news* nas escolas da rede pública de ensino do Município de Presidente Kennedy - ES. Esse fenômeno que só foi possível a partir da emergência da internet pode ser muito positivo para uma sociedade em vários aspectos, como, por exemplo, ao divulgar uma campanha de vacinação; ao noticiar tragédias, perigos com a violência; ao anunciar escândalos políticos, sejam eles na esfera municipal, estadual e/ou federal etc. Por outro lado, isso pode levar à ruína de outrem, quando acontece da referida notícia se tratar de uma mentira construída através da manipulação de dados e fatos.

No âmbito escolar, por sua vez, o aluno perpassa por toda educação básica adquirindo conhecimento sobre os variados componentes curriculares que a eles são preconizados, sempre com o objetivo de torna-lo um cidadão crítico, questionador pertencente a uma sociedade na qual o mesmo está inserido.

## **2. FORMAÇÃO CRÍTICA DE PROFESSOR E ALUNO**

O fazer do professor em ambiente escolar é muito abrangente, uma vez que sua atuação é de extrema importância na formação crítica do aluno. O pensador Paulo Freire aponta, acerca deste fato, que o educador deve “reforçar a capacidade crítica do educando, sua curiosidade, sua insubmissão” (1996, p. 13). Freire ainda afirma que é perceptível “[...] a importância do papel do educador, o mérito da paz com que viva a certeza de que faz parte de sua tarefa docente não apenas ensinar os conteúdos, mas também ensinar a pensar certo [...]” (1996, p. 13).

Assim, entende-se que tal fator motivador deve ser algo que o professor deve levar permanentemente em sua bagagem, diligenciando para que o seu aluno caminhe de modo dinâmico e participativo, descobrindo-se como sujeito aprendente e transformador do espaço. Diante disso, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) se apresenta como um regimento que norteará as ações educacionais, sendo utilizada como um importante documento elaborado por es-

pecialistas de todas as áreas do conhecimento, que corresponde às demandas do estudante, preparando-o para o futuro (BRASIL, 2017, p. 5).

Observa-se, então, que a BNCC afirma:

No novo cenário mundial, reconhecer-se em seu contexto histórico e cultural, comunicar-se, ser criativo, analítico-crítico, participativo, aberto ao novo, colaborativo, resiliente, produtivo e responsável requer muito mais do que o acúmulo de informações. Requer o desenvolvimento de competências para aprender a aprender, saber lidar com a informação cada vez mais disponível, atuar com discernimento e responsabilidade nos contextos das culturas digitais, aplicar conhecimentos para resolver problemas, ter autonomia para tomar decisões, ser proativo para identificar os dados de uma situação e buscar soluções, conviver e aprender com as diferenças e as diversidades (BRASIL, 2017, p. 14)

Dessa forma, percebe-se a necessidade de formação ampla e global desse discente, que deve ser alguém realmente preocupado com o seu preparo, não somente enquanto em experiência como aluno de uma instituição de ensino superior, mas como um cidadão crítico, comprometido com o conhecimento e que está integrado a uma sociedade. É neste contexto que se afirma a urgente necessidade que esse profissional tem de desenvolver sua autonomia, sua criticidade, seu saber-fazer, a fim de conseguir lidar com um universo tão amplo e diversificado com tantas informações disponíveis nessa “era digital”.

Quanto a isso, vale afirmar que,

Considerando-se a escola o espaço onde acontece a intervenção pedagógica, e o professor mediador da formação do aluno, percebe-se a necessidade de se estabelecer um diálogo entre esses segmentos, objetivando adequar o conhecimento difundido no contexto escolar as práticas sociais. O professor deve atuar comprometido com essa difusão do conhecimento, mas sempre voltado à pesquisa, socializando suas buscas e experiências durante a prática educativa, para a melho-

ria da qualidade de ensino. Na realidade, o professor é consciente de como é importante sua atuação na formação de pensadores, contudo o programa curricular preestabelecido pela escola tem o propósito de preparar o aluno para ingressar numa universidade. Essa realidade é comum na educação brasileira. Com isso o professor não tem a liberdade ou o apoio para conduzir suas aulas, então o ensino volta-se para a transmissão de conteúdos e os alunos permanecem no papel de repetidores (OLIVEIRA, 2012, p. 2-3).

A partir do momento que esse educador aplica o que preconiza a BNCC, buscando elaborar suas práticas, precisamente com o objetivo de formar globalmente esse indivíduo que é seu aluno, a chance deste se tornar um cidadão que não se deixa levar por *fake news* é muito maior, principalmente quando há incentivo à pesquisa no âmbito escolar, uma vez que, conforme sugere Paulo Freire (1996, p. 14), “não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino”. Assim, o fomento para a existência de um espírito investigador, questionador, que procura fazer e,

[...] Esses que-fazer-se encontram um no corpo do outro. Enquanto ensino continuo buscando, reprocurando. Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago. Pesquiso para constatar, constatando, intervenho, intervindo educo e me educo. Pesquiso para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade (FREIRE, 1996, p. 14)

Freire (1996) deixa em evidência que não há ensino sem que haja a pesquisa comprometida. Logo, a pesquisa deve ser ponto preponderante de estímulo desde o início da Educação Básica. É a partir desse viés que o educador insiste que a escola é o principal espaço em que o discente aprende a questionar, indagar, inquirir e reorganizar seus conceitos, inclusive acerca de sua existência. Quando essa formação ocorre de forma efetiva, esse aluno, ao se deparar com qualquer notícia, investigará a sua veracidade.

### 3. METODOLOGIA

Ao delimitar o assunto e construir os objetivos que envolvem a pesquisa bibliográfica, foi necessário procurar subsídios teóricos para potencializar a investigação proposta. É nesse sentido que Triviños (1987, p. 100) reconhece que o processo de avaliação do material bibliográfico ensinará ao pesquisador até onde outros investigadores têm chegado a seus esforços, os métodos empregados, as dificuldades que tiveram de enfrentar e o que ainda pode ser investigado. Pois para ele, o pesquisador,

Ao mesmo tempo, irá avaliando seus recursos humanos e materiais, as possibilidades de realização de seu trabalho, a utilidade que os resultados alcançados podem emprestar a determinada área do saber e da ação. (TRIVIÑOS, 1987, p.100)

Assim, o embasamento teórico oportunizou uma reflexão mais apurada da leitura de autores de livros e artigos, em que foi possível fazer um levantamento de informações a respeito da crescente onda de *fake news* que passou a se intensificar nas sociedades contemporâneas a partir da criação da Web 2.0, também conhecida como internet de plataforma, em que a importância de uma formação crítica dos alunos enquanto cidadãos se faz extremamente necessária no tempo presente. Com isso, pôde-se refletir sobre a importância de basear-se em fontes confiáveis para uma efetiva formação crítica pautada na verdade factual e objetiva ainda que tratada em termos genealógicos, conforme sugere a analítica foucaultiana, evitando então, que injustiças ganhem forças e causem terríveis transformações nefastas numa sociedade.

A pesquisa de campo foi realizada com professores da área de ciências humanas (história, geografia, sociologia e filosofia) da rede pública de ensino do município de Presidente Kennedy – ES, em que se primou cumprir as orientações éticas fazendo com que os participantes fossem identificados com as seguintes nomenclaturas Professor A, B, C, D, E, F, G, H, I e J. É válido ressaltar que não houve professor de filosofia participando da pesquisa. Diante disso, foi aplicado, então,

um questionário aos professores com uma série de perguntas ordenadas, apresentadas de diversas formas abertas, com o intuito de não envolver o encontro entre o pesquisador e os seus interlocutores (APÊNDICE A). O questionário foi preparado pelo aplicativo Google Formulários e enviado para os mesmos via WhatsApp, uma vez que estávamos vivendo uma pandemia do novo coronavírus que causou um impacto mundial, o que me impediu de aplicar o questionário presencialmente.

O material obtido a partir da pesquisa foi avaliado de forma qualitativa, com base na intersecção entre a Análise de Conteúdo - que, segundo Bardin “é um conjunto de instrumentos metodológicos cada vez mais subtis em constante aperfeiçoamento”, que se aplicam a discursos (conteúdos e continentes) extremamente diversificados” (1977, p.9) - somado à analítica genealógica foucaultiana - que procura compreender quais as forças que se apresentam nessa disputa agonística acerca das verdades proferidas nos espaços virtuais que acabam por incidir no espaço escolar, muitas vezes comprometendo o processo de ensino e aprendizagem. Não obstante, também é importante destacar que foram aplicadas entrevistas semiestruturadas (APÊNDICE B), uma vez que, esse tipo de entrevista é

em modo geral aquela que parte de certos questionamentos básicos, apoiados em teorias e hipóteses, que interessam à pesquisa, e que, em seguida, oferecem amplo campo de interrogativas, fruto de novas hipóteses que vão surgindo à medida que se recebem as respostas do informante. (TRIVIÑOS, 1987, p.146)

A entrevista foi aplicada presencialmente, uma vez que, dos dez professores que responderam ao questionário pelo Google Formulários apenas três estiveram dispostos a participarem da entrevista. Marcamos um encontro em locais de fácil acesso tomando todas as medidas de segurança para evitarmos qualquer contato físico e uma possível infecção do vírus. A aplicação presencial da entrevista foi de grande importância por que deu para observar as reações do entrevistado em algumas perguntas e fazer inferências não planejadas previamente sobre determinadas perguntas, isso será fácil observar nos resultados e discussões.

Dessa forma através do questionário fechado e da entrevista semiestruturada podemos trabalhar melhor os dados obtidos com discussões mais amplas, investigando como o professor procede ao lidar com as *fake news* em sala de aula, buscando entender suas estratégias, bem como suas opiniões acerca de questões políticas e sociais. Sendo assim, foram selecionados aleatoriamente dois professores, dos acima supracitados, para participaram da entrevista semiestruturada.

#### 4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

As análises aqui levantadas, sejam nas respostas dos questionários ou nas entrevistas realizadas, são baseadas numa análise de conteúdo. Mas o que seria essa análise de conteúdo? Segundo Bardin é “um conjunto de instrumentos metodológicos cada vez mais subtis em constante aperfeiçoamento, que se aplicam a discursos (conteúdos e continentes) extremamente diversificados” (1977, p.9).

Para o autor:

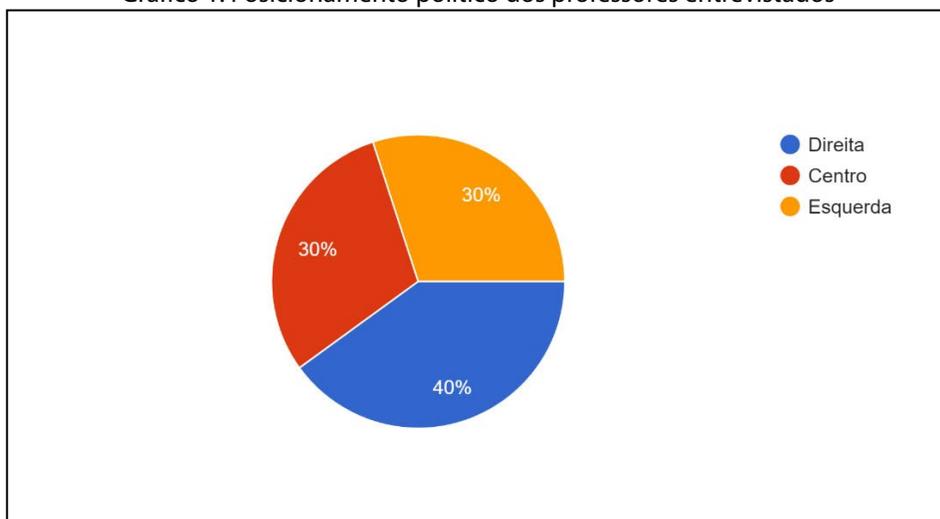
O factor comum dessas técnicas múltiplas e multiplicadas – desde o cálculo de frequências que fornece dados cifrados, até a extração de estruturas traduzíveis em modelos – é uma hermenêutica controlada baseada na dedução: a inferência. Enquanto esforço de interpretação, a análise de conteúdo oscila entre os dois pólos do rigor da objectividade e da fecundidade da subjectividade. Absolve e cauciona o investigador por esta atracção pelo escondido, o latente, o não aparente, o potencial de inédito (do não-dito), retido por qualquer mensagem. (BARDIN, 1977, p.9)

Dessa forma, tentaremos buscar nas respostas analisadas de forma sutil elementos que nos fazem entender o perfil do entrevistado para que assim possamos compreender a constituição de sua subjectividade presente em seus discursos que fará concordar ou não com a hipótese de que esses profissionais da educação não orientam seus alunos de forma eficiente sobre como evitar cair em *fake news*, bem como não estimulam os mesmos a serem questionadores, críticos, pesquisadores o suficiente para que estes consigam diferenciar o que é fato do que é *fake* e vice e versa.

Iniciaremos levantando os dados obtidos no questionário (APÊNDICE A) realizado pelo Google Formulários. Dez professores da área de humanas da rede pública de ensino do município investigado responderam o formulário.

Para melhor análise das respostas, foi perguntado aos professores como os mesmos se reconhecem politicamente, sendo de direita, centro ou esquerda. Evidenciamos aqui, que embora os sujeitos dessa pesquisa sejam da área de humanas, 6 professores se autodeclararam de direita, ou seja a maioria, enquanto que os demais se dividem em 3 de esquerda e 3 de centro, conforme podemos observar no Gráfico 1, a seguir:

Gráfico 1: Posicionamento político dos professores entrevistados

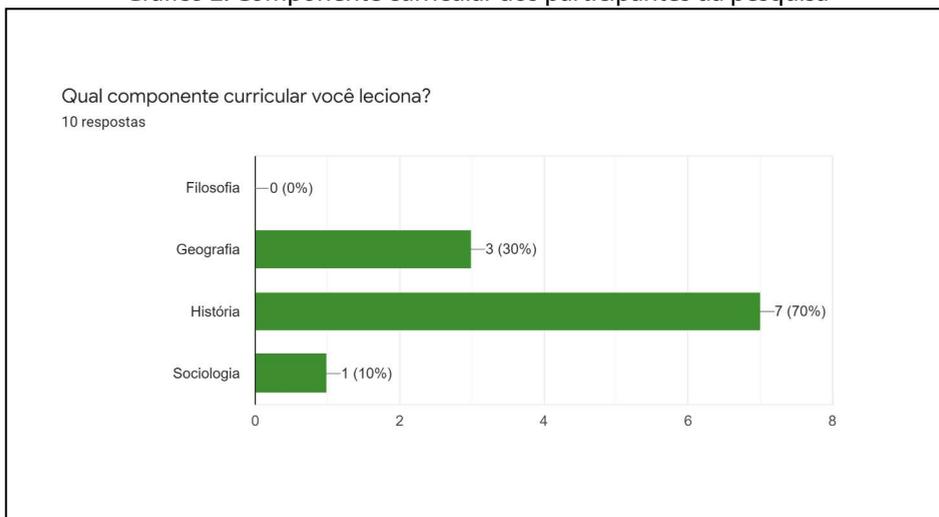


Fonte: Material elaborado pelo pesquisador (2021).

Dos 10 professores que responderam ao questionário, 4 são de direita, sendo 3 professores de história (sendo um desses também de sociologia) – Professor D, Professor E, Professor J e 1 professor de geografia – Professor F. Os 3 professores de centro são 2 professores de geografia – Professor A e Professor B e 1 professor de história – Professor H. Os 3 professores que restaram são de esquerda, sendo os 3 professores de história – Professor C, Professor G e Professor I.

Desses dez, 6 são professores de história, 3 são professores de geografia e 1 é professor de história e sociologia. Conforme podemos ver no Gráfico 2 à seguir:

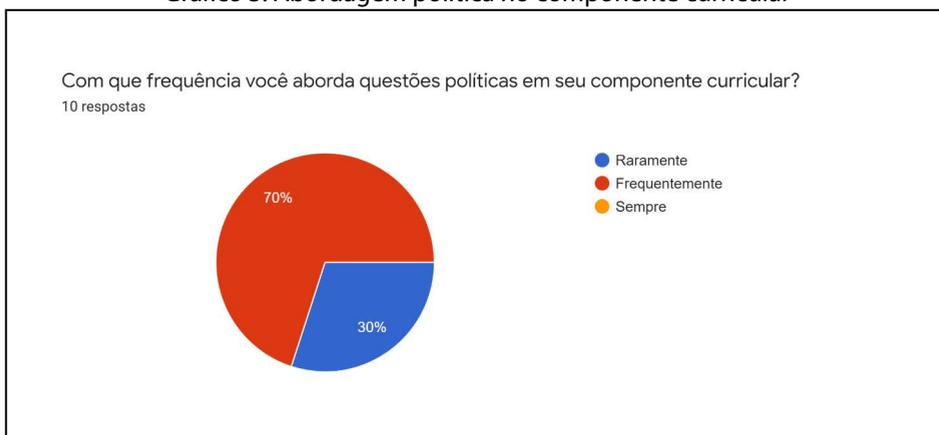
Gráfico 2: Componente curricular dos participantes da pesquisa



Fonte: Material elaborado pelo pesquisador (2021).

A fim de cumprir as orientações éticas previstas em trabalhos científicos como o que está sendo propostos nesta investigação, os participantes não serão identificados com os seus nomes reais, porém suas identificações se darão a partir das seguintes nomenclaturas Professor A, B, C, D, E, F, G, H, I e J. Sendo assim, iniciamos o questionário perguntando aos educadores analisados com que frequência aborda questões políticas em seu componente curricular. Diante deste questionamento, 7 professores responderam frequentemente e 3 responderam raramente.

Gráfico 3: Abordagem política no componente curricular

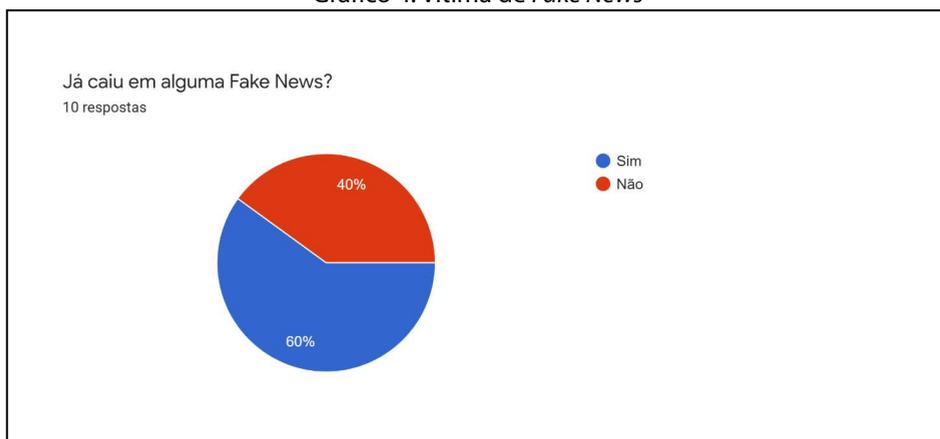


Fonte: Material elaborado pelo pesquisador (2021).

Em seguida os professores foram questionados sobre como eles definem as *fake news* e suas respostas foram similares, predominando como “mentiras políticas”, “mentiras divulgadas”, “notícias falsas” e “manipuladas pela mídia ou particulares”, outro ainda disse: “uma notícia falsa que pode trazer uma grande consequência”. Diante das respostas podemos compreender que todos entendem o significado de *fake news*, concordando com o conceito dado por Allcott e Gentzkow (2017) que diz que *fake news* são informações produzidas de forma inverossímil, que podem levar o leitor a considera-las verdadeiras, se não forem devidamente averiguadas.

A próxima pergunta indagou os docentes se eles já haviam caído em alguma *fake news* e em caso afirmativo, foi pedido que descrevessem qual a notícia falsa que haviam acreditado.

Gráfico 4: Vítima de *Fake News*



Fonte: Material elaborado pelo pesquisador (2021).

O curioso é que dos 10 professores entrevistados, 4 disseram que não haviam caído em *fake news*, porém 2 delas descreveram as *fake news* em que já caíram, entrando numa contradição. Afinal, como você responde que não havia caído em *fake news* e em seguida a descreve? Soa contraditório para o leitor. Ao analisar as respostas desses professores que entraram em contradição nos deparamos que enquanto um acreditou em uma pesquisa falsa, sem dar mais detalhes sobre que pesquisa seria essa, o outro professor relatou ter acreditado que não

precisava mais pagar imposto de renda devido à Covid-19. Outras *fake news* citadas pelos demais professores envolvem mentiras como a vacina da covid-19 que mata idoso, bem como mentiras sobre o coronavírus, dentre outras respostas.

Em seguida os professores responderam como eles fizeram para reconhecer que a informação em questão se tratava de uma *fake news* e novamente nos deparamos com uma contradição, porque se 4 professores alegaram não ter caído em nenhuma *fake news*, vemos aqui que todos responderam o que fizeram para descobrir a veracidade daquela informação. Das respostas dadas, 8 professores disseram que pesquisaram em outras fontes, 1 professor foi alertado por terceiros e 1 professor fez análise de movimentos labiais.

Gráfico 5: Reconhecendo *Fake News*



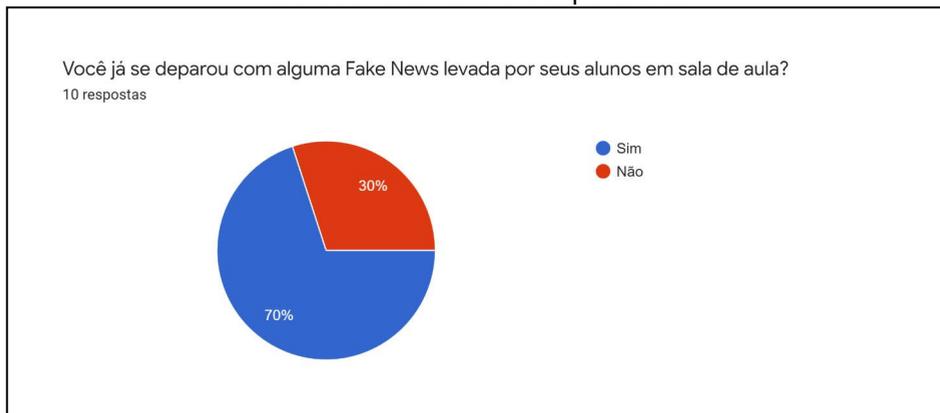
Fonte: Material elaborado pelo pesquisador (2021).

Visando compreender quais são as fontes pelas quais os professores costumam se informar, foi pedido para que eles citassem os portais de notícias que mais acessam. Dentre as respostas obtidas tivemos: “Jornais tradicionais, de diferentes linhas ideológicas, como o Globo, Folha de São Paulo, Uol, Veja, Estadão”; “Globo, Uol, CNN Brasil”; “G1, folha, veja, época”. O curioso aqui, é que algumas respostas não foram tão específicas, como a do Professor A: “portais de notícias renomados”; Professor C: “os mais confiáveis”; Professor F: “sites oficiais”; Professor G: “certos sites do google”, e ainda teve o Professor J que respondeu apenas “google”. Respostas vazias como essas podem nos deixar várias interpretações,

ou os professores não quiseram expor em quais sites de fato acessam ou ainda, talvez, não acessem portais de notícias.

Na sequência, as perguntas foram feitas com base na postura dos professores em sala de aula. Foi perguntado se esses professores já haviam se deparado com alguma *fake news* levada por seus alunos e dos entrevistados 7 disseram que sim.

Gráfico 6: *Fake News* levada por alunos



Fonte: Material elaborado pelo pesquisador (2021).

Então, foi pedido para que os mesmos descrevessem quais estratégias eles utilizaram ao se deparar com *fake news* em sala de aula. O Professor A relatou que convida a turma para pesquisar a temática em questão e depois abre um bate papo com a mesma; O Professor B relatou que simplesmente mostra a verdade dos fatos; e o Professor D ainda diz que mostra os caminhos para verificar a veracidade da informação, dentre outras respostas que se assemelham. Uma resposta específica chamou atenção porque o Professor F relatou que tenta mostrar a verdade, mas que na maioria das vezes é em vão, segundo o docente alguns alunos já estão programados em informações irreais.

Na sequência do questionário, foi perguntado aos professores se eles concordam que as *fake news* podem ser prejudiciais para toda uma sociedade. Dos 10 professores, tivemos 1 que respondeu que as *fake news* não são prejudiciais. Diante disso vemos a necessidade, conforme diz Oliveira (2019), da sociedade se adaptar a isso, tentando melhorar o seu julgamento de credibilidade ao processar uma informação.

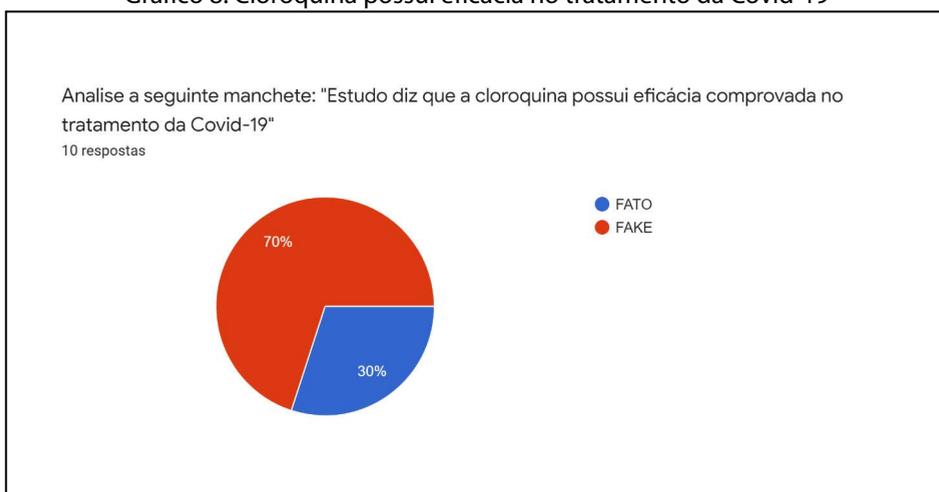
Gráfico 7: Fake News prejudiciais para a sociedade



Fonte: Material elaborado pelo pesquisador (2021).

Para saber se os professores entrevistados de fato sabem reconhecer uma *fake news*, os mesmos tiveram que ler algumas notícias com este perfil falacioso divulgadas nos últimos meses e julgar se aquilo era fato ou *fake*. A primeira *fake news* foi: “Estudo diz que a cloroquina possui eficácia comprovada no tratamento da Covid-19”. Dos 10 entrevistados 7 disseram que era *fake*, ou seja, 3 desses professores concordaram de que se tratava de um fato. O curioso aqui é que esses três professores lecionam o componente curricular de história e se autodeclararam no término do questionário como sendo politicamente de direita.

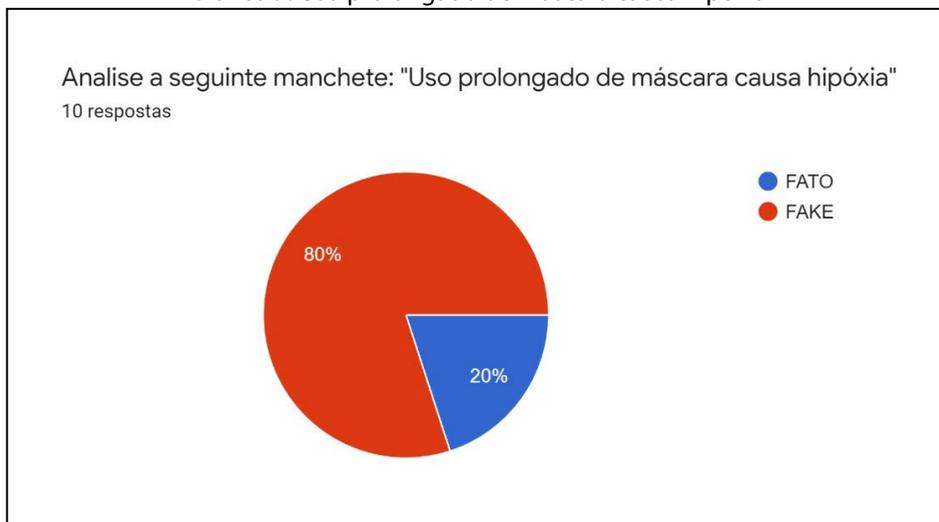
Gráfico 8: Cloroquina possui eficácia no tratamento da Covid-19



Fonte: Material elaborado pelo pesquisador (2021).

A segunda fake news em análise afirma o seguinte: "Uso prolongado de máscara causa hipóxia"<sup>1</sup>. Dos 10 entrevistados 2 responderam que é fato, sendo esses dois professores de história que se reconhecem à direita no espectro político brasileiro.

Gráfico 9: Uso prolongado de máscara causa hipóxia



Fonte: Material elaborado pelo pesquisador (2021).

A próxima *fake news* analisada foi: "A vacina contra a covid-19 irá modificar o DNA dos seres humanos". Esta, por sua vez, foi a única manchete em que todos concordaram de que a notícia em questão era *fake*.

Finalizamos as análises perguntando se era fato ou *fake* que os voluntários dos testes da vacina contra a covid-19 já morreram por terem se submetido ao uso da vacina. Dos entrevistados, 4 deles disseram que era fato, e desses 4, todos são professores de história e apenas 1 finalizou o questionário se autodeclarando como sendo politicamente de esquerda.

Para melhor compreensão do perfil dos entrevistados foi perguntado se na concepção deles ocorre de fato um movimento de desqualificação do conhecimento científico nas escolas. Das 10 respostas, 6 concordaram que de fato há esse movimento.

---

<sup>1</sup> Diminuição das taxas de oxigênio no ar, no sangue arterial ou nos tecidos, o que pode levar à anóxia; hipoxia.

Gráfico 10: Movimento de desqualificação do conhecimento científico nas escolas



Fonte: Material elaborado pelo pesquisador (2021).

Em seguida, foi pedido para que esses professores descrevessem como essa desqualificação pode ser vista em seus cotidianos. Dentre as respostas, destaca-se a do Professor G revelando que isso ocorre com a falta de informação e pesquisa e que muitas vezes por não pesquisarem acabam sendo transmissores de *fake news*. O Professor H relatou que a falta de interesse por novos conhecimentos faz com que o profissional se acomode e não busque estudar e pesquisar. Já o Professor I relatou que essa desqualificação do conhecimento científico ocorre quando nos deparamos com adultos que não procuram ler coisas que contribuem para seu crescimento pessoal, professores mal qualificados. O professor I afirmou também que isso se deve, entre outros fatores, pelo sistema, que não valoriza o servidor, não prepara a escola de forma adequada, não prioriza uma educação de qualidade, e como resultado vem profissional com poucos conhecimentos, com baixo rendimento profissional. Para finalizar, o Professor C relatou que essa desqualificação ocorre, quando alunos e/ou alguns professores questionam estudos e métodos comprovados cientificamente por questões ideológicas. Segundo o Professor C, a repulsa por Paulo Freire, por exemplo, que interfere diretamente na forma como todos os professores trabalham só é negado pelo simples fato do mesmo se assumir comunista enquanto vivia. Entretanto, o Professor C revela que essa negação aos métodos de Freire é balela, pois para ele, a

partir do momento que o professor, muda sua forma de falar, de agir diante das séries, turmas e escolas que trabalham para o melhor entendimento do aluno, está claramente usando Freire. Com relação às respostas dos demais professores resumem-se em dizer que não sabem ou não percebem se ocorre desqualificação do conhecimento científico nas escolas.

Antes de finalizarmos o questionário, foi requerido aos professores que os mesmos dessem sugestões para que as pessoas não caíam em *fake news*. O Professor A sugeriu a leitura e a pesquisa, o Professor B aconselhou a buscar informações em diversas fontes confiáveis, o Professor D falou sobre não acreditar em tudo o que falam ou leem. O Professor C, por sua vez, enfatiza a busca por sites de confiança e alerta que esses sites são os tradicionais. O professor E aconselha a estudar e não ouvir “pseudespecialistas”. O Professor F reforça que não se deve acreditar de primeira em qualquer notícia e que ao lê-la, devem-se buscar fontes seguras. O Professor G e Professor H enfatizaram a busca por sites confiáveis e qualificados, o ultimo, no entanto, evidencia a importância em adquirir informação através de artigos científicos. O Professor I sugere a leitura e a reflexão sobre o texto lido, recomendando também que cada um questione o que está sendo lido e/ou ouvido. E, por fim, o Professor J que aconselha que todos devem confirmar a veracidade dos fatos.

Esses dez professores da área de humanas da rede pública de ensino do município investigado que responderam ao questionário pelo Google Formulários foram convidados novamente a participarem de uma entrevista (APÊNDICE B) a fim de obtermos melhores respostas a cerca de algumas questões que serão aqui relatadas. Contudo apenas três concordaram em participar. Para melhor compreensão denominarei aqui esses três professores como Professor 1, Professor 2 e Professor 3, para evitar qualquer tipo de constrangimento.

**Primeiramente, me fala um pouco da sua carreira, você é professor de que? E seu cargo é de designação temporária ou cargo efetivo?**

O Professor 1 respondeu que é professor de história efetivo, tal como o professor 2, porém de designação temporária. O professor 3 afirmou atuar na área de geografia, também sendo de designação temporária. Essa informação é relevante porque a partir daqui podemos compreender se o fato de o professor ser efetivo ou não na sua função poderá influenciar em suas ações e/ou condutas no ambiente escolar.

**Politicamente, você se considera, de direita, esquerda ou centro?**

O Professor 1 se autodeclarou como de esquerda, o Professor 2 como de direita e o Professor 3 centro.

**Você se consegue dizer a partir de que momento da nossa história contemporânea essa onda de fake news começou a ficar em alta?**

“A partir da candidatura do presidente Bolsonaro, inclusive foi um dos fatores que contribuíram para sua eleição, disseminando notícias que nunca aconteceram como forma de favorecer sua candidatura” (Professor 1, esquerda, história).

O Professor 2, por sua vez, respondeu que isso ocorreu “com a candidatura do presidente Bolsonaro, as pessoas, principalmente os de esquerda pegavam falas soltas do então candidato para propagar inverdades, aliás, fazem isso até hoje” (Professor 2, direita, história).

O Professor 3 concorda com o Professor 1. E ainda acrescenta que, essa onda “começou nos EUA nas eleições do Donald Trump, e em seguida no Brasil, pelos seguidores do então candidato Bolsonaro em 2018” (Professor 3, centro, geografia), concordando com Genesini (2018) em dizer que esse termo foi cunhado a partir da campanha e eleição de Donald Trump para a presidência dos Estados Unidos em 2016.

Os três entrevistados concordam com e Rosa, Souza, Camargo (2019) em dizer que o termo no Brasil foi a partir das eleições de 2018 que tornou Jair Messias Bolsonaro presidente do país. No entanto, há um equívoco na fala do Professor 2 em dizer que as fake news ocorreram por parte da esquerda para prejudicar o então candidato a presidência, uma vez que, foi o

próprio candidato quem iniciou, segundo Rosa, Souza, Camargo (2019), as divulgações de notícias falsas, propagando o kit gay, por exemplo, alegando que era um material voltado para tornar crianças em homossexuais, argumento esse comprovadamente mentiroso.

**Como você tem visto o crescimento das fake news nos últimos anos? Você acredita que simplesmente elas fazem parte da nossa vida e que não há necessidade de ser feito nada, pois elas “caem por si só”?**

“Tenho visto com muito temor, uma vez que essas fake news podem atrasar uma sociedade, e não, elas não caem por si só, elas devem ser combatidas sim, devem ser investigadas sim, e punidos os seus criadores” (Professor 1, esquerda, história).

“Simplesmente ignoro, principalmente quando eu conheço a pessoa que me mandou a notícia, a maioria das vezes falando mal do presidente, já vejo que não dá para acreditar.” (Professor 2, direita, história). Segui questionando ao Professor 2 se as *fake news* que ele por ventura recebe são sempre notícias contrárias ao atual governo e ainda o inquiri se ele não recebe nenhum outro tipo de fake news. Sua resposta foi um tanto curiosa: “A grande maioria das vezes sim, já cheguei receber fake news falando da eficiência da vacina contra a Covid por exemplo”. Imediatamente retruquei se ele não confiava na eficiência da vacina, e o mesmo disse que “sim, mas que não dava pra confiar numa vacina que foi criada num curto espaço de tempo”. Segui indagando se o mesmo não havia sido vacinado e o Professor 2 disse que sim, porém que foi praticamente obrigado. Não satisfeito ainda questionei se o mesmo nunca resolveu pesquisar se aquela *fake news* falando do presidente não pudesse ser verdade, e a resposta foi ainda mais instigante: “Já fiz isso sim, mas a maioria dos sites que confirmam a notícia são da Globo, e todo mundo sabe que a globo detesta o Bolsonaro, então não perco meu tempo mais”, finalizou o Professor 2 (direita, história).

**Já o Professor 3 respondeu:**

Acredito que as *fake News* devem ser combatidas sim, principalmente porque quando essas notícias chegam em pessoas com menos conheci-

mento, elas acabam acreditando, sem sequer confirmar sua veracidade, e se nessa família não tiver alguém mais esclarecido para contestar essas informações pode acabar virando um efeito dominó, fazendo toda a família acreditar naquela *fake news*, e afetando toda uma sociedade. (Professor 3, centro, geografia).

**Em seguida, pedi ao Professor 3 que me desse um exemplo disso na prática.**

A exemplo da pandemia, em que muitas fake news foram espalhadas, vi exemplo da família de um aluno meu, que mora na roça, e que eles se recusavam a tomar vacina, alegando que nela continha um microchip e que era da “Besta” fazendo referência ao número da besta contido no livro de Apocalipse da Bíblia Sagrada, alegavam que não iriam para o céu se estivesse com esse microchip injetado no corpo. Foi uma *fake news* que os fizeram acreditar nisso, e por simplesmente se recusarem a se vacinar, atrasam a nossa sociedade de promover um ambiente seguro em que todos estejam vacinados, colocando suas vidas em risco (Professor 3, centro, geografia).

**Continuei indagando se o Professor 3, ao ter ciência disso, tentou esclarecer a família.**

Eu tentei alertar meu aluno e a escola, mas como estávamos somente no ensino remoto, ficava difícil eu tentar qualquer intervenção. Além disso, o aluno é passivo à família, mesmo que ele se esclareça, tive a impressão de que a família, por ser bem religiosa, já tinha uma opinião bem formada quanto isso, uma lástima ver uma opinião formada baseada numa mentira (Professor 3, centro, geografia).

**Finalizei essa questão pedindo ao Professor 3 que desse sugestões de como proceder para tentar solucionar esse problema, afinal, devem existir muitas famílias como a desse aluno em questão por todo o Brasil.**

Acredito que as igrejas podem resolver isso, incentivando seus fiéis a se vacinarem sim, dizer que as vacinas foram aprovadas pela OMS, e mesmo em tempo recorde, todos devem confiar. Eu também faço parte de uma igreja evangélica e graças a Deus tenho um líder pastoral bem esclarecido, ele sempre incentiva a todos se vacinarem. Acredito que se a família do meu aluno, receber orientações certas dos seus pastores, padres ou líderes religiosos, tenho certeza que eles acatam suas orientações (Professor 3, centro, geografia).

### **Em sala de aula, qual sua conduta, ao se deparar com *fake news*?**

“Tento explicar e desmistificar o fato, utilizando fontes confiáveis, mostrando as inverdades daquela *fake news*” (Professor 1, esquerda, história).

“Convido a turma para pesquisar a temática em questão e depois abrir um bate papo, porém evito grandes embates, não gosto de polemizar em sala de aula” (Professor 2, direita, história).

Indaguei ao Professor 2, em seguida, o porquê de não polemizar em sala de aula, e o mesmo respondeu que por ser professor de designação temporária tenta evitar discussões que gerem problemas que transcenda a sala de aula, a fim de não se comprometer com a família e nem com as autoridades de forma que acabe perdendo seu contrato.

“Tento mostrar a verdade, mas infelizmente na maioria das vezes, em vão. Alguns alunos já estão programados a acreditar em informações irreais.” (Professor 3, centro, geografia).

A intervenção do professor ao difundir as práticas sociais em contexto escolar é enfatizada por Oliveira (2012), uma vez que, a escola deve ser considerada um espaço onde acontecem essas intervenções, e o professor é o mediador desse fazer. Assim sendo, os professores ao se depararem com *fake news* em sala de aula, é atribuição de ele atuar comprometido com essa difusão de conhecimento, sempre voltado à pesquisa, para a melhoria da qualidade de ensino (OLIVEIRA, 2012).

**Você já caiu em *fake news*? Como soube de que se tratava de *fake news*?**

“Sim, fui alertada por amigos e colegas de profissão” (Professor 1, esquerda, história).

“Já sim, alguns amigos me alertaram” (Professor 2, direita, história).

“Sim, pesquisei em outras fontes” (Professor 3, centro, geografia).

**Você poderia me citar uma *fake news* em que caiu?**

“O vídeo do Dória traindo a esposa” (Professor 1, esquerda, história).

“Pesquisas falsas” (Professor 2, direita, história). Fiquei intrigado e indaguei ao Professor 3 que pesquisas falsas seriam essas, o professor respondeu apenas “pesquisas de internet, de qualquer site” e pediu logo para prosseguir com as perguntas, não deixando claro que pesquisas falsas seriam essas.

“O uso da cloroquina eficaz no tratamento de covid” (Professor 3, centro, geografia).

Dei continuidade a entrevista expondo algumas situações comuns nos dias de hoje e pedi que cada professor desse a sua opinião a respeito.

**Primeira situação: uma determinada mulher após ter feito sexo casual sem nenhuma prevenção com seu parceiro que mal conhecia descobriu que estava grávida e como estava na sua melhor fase da carreira optou-se por abortar. O que você pensa a respeito? Ela não teria direito pelo próprio corpo?**

Para o Professor 1,

falar de aborto hoje é muito complexo, sim a mulher é dona do próprio corpo, ela quem deve decidir o que fazer. No entanto, precisa estar mais atenta em sempre prevenir-se em suas relações sexuais. Na minha opinião, se ela tiver um acompanhamento psicológico, e se a interrupção for feita antes do 3º mês de gestação, ela deve sim abortar, desde que seja amparada pela lei, até como forma de evitar que ela busque clínicas clandestinas para fazer o ato e colocar também a sua própria vida em risco. Assim, existindo a liberação do aborto no

Brasil, por exemplo, quem sabe não diminua o quantitativo de meninas que morrem ao tentar buscar uma clínica irregular, até porque, quando as mesmas decidem, não é a falta da lei que vai impedi-la de fazê-lo (Professor 1, esquerda, história).

O Professor 2, por sua vez, alegou que a mulher

tem direito ao próprio corpo sim, mas a partir do momento que ela tem uma vida dentro dela, ela perde esse direito. Em minha opinião trata-se de uma mulher egoísta, sem amor no coração, que está disposta a matar uma criança que de nada tem culpa simplesmente porque está na melhor fase da carreira, quantas mulheres existem por aí, talvez com bem menos condições que ela, e que sonham em ser mãe (Professor 2, direita, história).

O Professor 3 também se posicionou contra o aborto, por ser cristão: “Como falei, eu sou cristão, então não sou a favor do aborto, entendo que com exceção de casos em que o feto já esteja deformado, nenhuma mulher deveria se submeter a isso, se não querem ter o filho, que seja dado a adoção” (Professor 3, centro, geografia). Em seguida, aleguei ao professor que no Brasil não temos uma lei que libere o aborto e que mesmo não havendo essa legislação muitas meninas optam por fazê-lo mesmo em clínicas clandestinas, perguntei qual é a visão dele sobre isso.

Acredito que deveria haver uma campanha de acompanhamento psicológico para mães com gravidez indesejada, sei que isso não é o suficiente, mas não concordo que regulamentar o aborto vá diminuir esse quantitativo, a meu ver vai atrair as mulheres que por qualquer motivo irão querer abortar (Professor 3, centro, geografia).

**Segunda situação, um jovem do sexo masculino decide usar roupas femininas, pois se identifica como sendo do sexo feminino, e que sente atrações**

**por mulheres, sendo identificado como mulher transgênero homossexual. O que você pensa a respeito? Você acredita que essa questão de gênero deveria ser atribuída como distúrbio psicológico?**

O Professor 1 relata que não acredita numa padronização humana.

Não acredito numa padronização humana, em que só exista homem e mulher, em que o homem deve se vestir como homem e se relacionar com mulher e que a mulher deve se vestir como mulher e se relacionar com homem, aliás, falar de vestimenta é mais uma questão cultural, o que é roupa de mulher aqui no Brasil pode não ser na Escócia por exemplo, onde lá, os homens usam saias, e não são homossexuais, transsexuais ou transgêneros por isso. O fato é que a igreja tem padronizado isso ao longo dos séculos, e o que foge da padronização da igreja torna-se pecado, torna-se escandaloso. É muito complexo falar da mente humana, mas daí dizer a uma pessoa que nasceu com genitais masculinos, mas que se identifica do gênero feminino, que ela possui distúrbios psicológicos é um tanto demais para mim, uma vez que a própria ciência não a reconhece assim. Possui distúrbios com base em que? Na opinião do pastor? Um absurdo!! Acredito que vivemos num país livre, onde as pessoas devem ser o que quiserem, agora se o modo de ser do “fulano” não condiz com o seu modo de ser, cabe a você simplesmente respeitar (Professor 1, esquerda, história).

O Professor 2 define essa situação como um absurdo.

Eu acho um absurdo! Respeito a todas as pessoas e entendo que cada um tem sua liberdade em sua vida privada, inclusive tenho amigos gays que são ótimas pessoas, mas daí, você querer empurrar essa ideologia de “guela a abaixo” na população, eu acho um absurdo. Eu tenho o direito de ser contra, se ele quiser se vestir de mulher, que se vista, mas não me peça pra concordar. E com relação a pessoa achar que não é do sexo biológico, penso que isso é distúrbio psicológico sim! (Professor 2, direita, história).

Diante da resposta, indaguei ao Professor 2 com base em que ele afirma que ser transgênero é possuir distúrbio psicológico? Ele respondeu que

A Bíblia fala que Deus fez Adão e Eva, e não Adão e Ivo, e a bíblia condena quem pratica esses atos, mas pode curar através de Cristo, se a pessoa se arrepender, então não posso te afirmar com exatidão que seja um distúrbio psicológico, pois não sou nenhum especialista na área, mas acredito que a pessoa esteja confusa e precisa sim de um acompanhamento psicológico e se mesmo assim a pessoa optar por continuar vivendo dessa maneira, é porque ela desistiu de lutar e renunciar o seu eu, como a bíblia diz “não vivo mais eu, mas Cristo vive em mim” (Professor 2, direita, história).

Questionei o Professor 2 se ele não estava levando muito para o viés religioso, uma vez que a bíblia não é um livro científico. O mesmo respondeu: “então entraremos numa discussão complexa que envolve fé, e com a minha fé não há questionamentos” (Professor 2, direita, história).

Por fim o Professor 3 relatou

Não sou profissional na área para dizer o que é ou o que não é distúrbio psicológico. A mente humana é muito complexa, porém, tenho meus princípios bíblicos, e creio neles. Se eu disser o que eu acredito, talvez soe como homofobia, no entanto guardarei minhas opiniões a mim, por que penso que é assim que deve ser. O mundo seria bem melhor se cada um guardasse suas opiniões alheias para si, não vai ser a minha opinião que vai impedir a pessoa de ser quem ela quer ser. Independentemente de qualquer princípio cristão, o amor deve prevalecer, pois assim que Jesus nos ensinou, e isso darei a todos que quiserem, amor, o resto não diz respeito a mim (Professor 3, centro, geografia).

**Terceira situação: uma escola X em uma cidade do interior realiza mensalmente oferendas aos orixás acompanhados de batuque e dança com os alunos. O que você pensa a respeito? Você concorda com manifestações religiosas dentro da escola?**

O Professor 1 discorda da situação.

Acho totalmente errado, uma vez que vivemos num país laico, no entanto o que mais vejo nas escolas são rituais cristãos ali sendo transmitidos, orações antes das aulas, músicas gospels em apresentações culturais, etc. Não que eu seja totalmente avessa a essa prática, mas se eu chegar tocando tambor usando um turbante branco, vão me criticar ao extremo, alegando que estou levando “macumba” para a escola. Então, se não aceitam evidenciar a pluralidade das religiões em ambiente escolar, então que obedecem a laicidade do Estado, e não façam nenhum tipo de manifestação religiosa, deixem seus cultos para os seus respectivos templos (Professor 1, esquerda, história).

O Professor 2, também discorda da situação: “Na escola em que trabalho, jamais aceitaria essa prática e se eu souber que isso acontece na escola da minha filha, eu a transfiro no mesmo instante” (Professor 2, direita, história). Aleguei ao Professor 2 que em boa parte das escolas é possível observar práticas cristãs em seu cotidiano, como a oração do “pai nosso” em sala de aula por exemplo, perguntei qual a opinião dele sobre isso, e o mesmo respondeu que, neste caso, não vê problema.

Eu sou professor, eu sei que o Estado é laico, mas aqui a nossa clientela são todos evangélicos ou católicos, então não acho que exercer uma prática cristã em sala de aula, possa infligir alguém, e caso houvesse algum aluno que não fosse cristão, seria até uma forma dele ser evangelizado (Professor 2, direita, história).

Segui questionando o Professor 2, que a escola não é igreja para evangelizar ou catequizar alguém, e o mesmo respondeu: “Eu sei que não, mas eu como sou um bom servo do Senhor, aproveito da minha profissão sempre para falar de Jesus para os alunos, dar conselhos, a juventude de hoje em dia é muito rebelde!” (Professor 2, direita, história).

O Professor 3, (centro, geografia) alegou que “se está na Constituição que o Estado é laico, assim deve ser”. relatei ao Professor 3 que como ele havia se autodeclarado cristão e sabemos que é comum escolas em que a população é predominantemente cristã, praticarem hábitos religiosos num ambiente em que a laicidade deveria ser respeitada, questionei o que ele pensa a respeito.

Concordo que não deveria haver, no entanto não está na minha alçada impedir esses momentos, uma vez que os próprios funcionários muitas vezes também são de famílias cristãs. Contudo, se chegar a meu conhecimento de que na escola há qualquer aluno que seja de outra religião que não seja a cristã, serei o primeiro a ser contra a essas práticas, pois entendo que devemos promover uma escola acolhedora e que não segregue ninguém, independente de sexo, etnia, religião, etc. (Professor 3, centro, geografia).

Com esses questionamentos encerrei as entrevistas com o Professor 1 e Professor 3, agradecendo-os por terem aceitado responder minhas perguntas. Antes de encerrar com o Professor 2 quis ainda fazer um último questionamento. relatei que o que mais ouvimos por aí é que os professores de história são de esquerda e “doutrinadores” e ele por se tratar de um professor também de história, porém de direita, questionei qual era a opinião dele sobre esses relatos.

Concordo, embora eu não me inclua nesse grupo, a maioria dos professores de humanas que conheço são de esquerda, e já vem da faculdade doutrinados por seus professores. Falo isso, porque tenho 10 anos de formado, e sei como foi difícil relevar muitas opiniões que meus professores ensinavam em sala de aula, baseando-se em autores como Karl Marx, Paulo Freire, etc. (Professor 2, direita, história).

Finalizei questionando ao Professor 2 qual autor que ele tem lido e se baseado nos últimos tempos. Ele apenas respondeu “Olavo de Carvalho”. Sem mais perguntas eu o agradei por ter aceitado a participar da entrevista.

É claro que o professor contribui além de conhecimento, como também experiência na formação desse aluno, Oliveira (2012) relata isso. Para a autora, essa contribuição deve estar voltada ao ensino dialógico, uma vez que, os seres humanos aprendem com a interação dos mesmos. Contudo, a autora ainda relata que o professor deve provocar o aluno passivo para que se torne um sujeito da ação. Isso quer dizer que o professor até contribui com suas experiências, mas é o aluno quem deve formar suas opiniões, e a partir delas interagir com o mundo. Por isso a importância de o professor não impor suas ideologias e opiniões pessoais, mas suas ações, devem estar pautadas na cientificidade.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base nesta investigação que buscou compreender a incidência das *fake news* nas escolas de uma pequena cidade do interior da região sudeste do Brasil, ficou evidente a necessidade de uma formação crítica voltada tanto para os alunos quanto professores e professoras, de modo a evitar com que a desinformação seja difundida. Nesse sentido, a pesquisa proposta mostra a necessidade de enfrentamento deste desafio, que é o combate às mentiras que circulam pela internet, afetando consideravelmente o processo de ensino e aprendizagem.

Também ficou evidente que as plataformas digitais aceleraram esse processo de desinformação que alcançou as escolas de todo o país, quiçá de todo o mundo, fazendo com que em num só clique várias pessoas dos mais distintos lugares ao mesmo tempo possam acessar determinada informação que eventualmente pode ser falaciosa, porém, até que se prove a inverdade da mesma, algumas consequências nefastas já podem ter sido instauradas.

Outro aspecto de extrema importância que foi constatado nesta investigação diz respeito à presunção de que, os professores das áreas de humanidades, ou seja, educadores que atuam com as disciplinas de história, geografia, e sociologia, de modo geral, se posicionam politicamente no espectro político à esquerda. Embora a nossa pesquisa tenha contado com uma pequena amostra acerca no

número de professores entrevistados e que também responderam o questionário proposto, encontramos nestas respostas um maior número de tributários à direita do que esquerda. Contudo, no que se refere às entrevistas, coincidentemente apenas três professores participaram desta etapa da investigação, sendo um representante de esquerda, outro de direita e um terceiro ainda que argumentasse ser de centro no espectro político.

Esse número de professores entrevistados e/ou que responderam o questionário aplicado a eles nesta pesquisa, nos mostra que a afirmação baseada na ideia de que a maioria dos professores da área de humanidades seria composta por representantes da esquerda e que, conseqüentemente, estariam “doutrinando” os alunos a partir de seu viés político, não encontrou lastro em nossa pesquisa, que evidenciou justamente o contrário. Porém, o que nos chamou mais atenção foram as falas proferidas em entrevista pelo professor 3 que não apenas se posicionou de forma bastante problemática, na medida em que é possível constatar diversos preconceitos proferidos por ele, como afirmou que o autor que mais tem lido nos últimos tempos é Olavo de Carvalho. Justamente o escritor que se reconhece como filósofo apesar de não ter nenhuma formação acadêmica, mas que talvez seja o maior difusor de *fake news* do país e que atua como uma espécie de mentor do bolsonarismo apresentando pretensos diagnósticos do tempo presente baseado em mentiras e desinformação.

É possível observar que os professores investigados são em sua maioria de direita e estes por sua vez, por possuírem suas crenças e ideologias, as colocam à frente do que é comprovado cientificamente e aceito pelo campo acadêmico como consenso, o que dificulta na análise de *fake news*, uma vez que, só acreditam naquilo que reitera a sua forma de pensar. Então, se temos professores que acreditam em certas *fake news* justamente porque a notícia diz o que eles querem ouvir, ou ainda, professores que desacreditam em notícias verídicas, principalmente aquelas que desmentem essas notícias falsas, fica difícil que os mesmos tenham capacidade de orientar seus alunos de forma eficiente sobre como evitar cair em *fake news*.

## REFERÊNCIAS

ALLCOTT H, Gentzkow M. Social media and Fake News in the 2016 election. **J. E-con. Perspect.** 2017; 31(2). Disponível em: <https://doi.org/10.1257/jep.31.2.211>. Acesso em: 04 fev 2021.

**BARDIN, L. (1977). Análise de conteúdo. Lisboa...** [https://www.academia.edu/40820250/BARDIN\\_L\\_1977\\_Análise\\_de\\_conteúdo...](https://www.academia.edu/40820250/BARDIN_L_1977_Análise_de_conteúdo...) BARDIN, L. (1977). Análise de conteúdo. Lisboa edições, 70, 225.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular.** Disponível em: [http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC\\_EI\\_EF\\_110518-versaofinal\\_site.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518-versaofinal_site.pdf). Acesso em: 28 ago. 2020.

BRASIL E FATO. **Livro popularizado pela fake news de Bolsonaro sobre "kit gay" faz 20 anos.** 28 de Junho de 2021. Disponível em. Acesso em: 10 jul. 2021.

FOUCAULT, Michel. **Em defesa da sociedade:** curso no Collège de France (1975-1976), (trad. de Maria Ermantina Galvão). São Paulo: Martins Fontes, 2005.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia:** Saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996. Disponível em: [http://www.unirio.br/cla/ppgeac/processo-seletivo-2021/bibliografia-2021/freire-paulo-pedagogia-da-autonomia-saberes-necessarios-a-pratica-educativa/at\\_download/file](http://www.unirio.br/cla/ppgeac/processo-seletivo-2021/bibliografia-2021/freire-paulo-pedagogia-da-autonomia-saberes-necessarios-a-pratica-educativa/at_download/file). Acesso: em 16 abril 2021.

FREIRE, Paulo. **Educação e mudança.** Tradução de Moacir Gadotti. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

GENESINI, Silvio Genesini. A pós-verdade é uma notícia falsa. **Revista USP**, São Paulo. n. 116, janeiro/fevereiro/março 2018. Disponível em: <https://jornal.usp.br/wp-content/uploads/5-Silvio-Genesini.pdf>. Acesso: em 09 jul. 2021.

NOTÍCIAS DA TV. **Alexandre Garcia lucrou quase R\$ 70 mil com fake news, diz relatório do Google.** Publicado em 12/6/2021. Disponível em: <https://noticiasdatv.uol.com.br/noticia/televisao/alexandre-garcia-lucrou-quase-r-70-mil>

-com-fake-news-diz-relatorio-do-google-59275?cpid=tx. Acesso em: 09 jul. 2021.

OLIVEIRA, Wilandia Mendes de. **Uma abordagem sobre o papel do professor no processo ensino/aprendizagem**. 2012. Disponível em: [https://www.inesul.edu.br/revista/arquivos/arq-idvol\\_28\\_1391209402.pdf](https://www.inesul.edu.br/revista/arquivos/arq-idvol_28_1391209402.pdf). Acesso em: 01 jun. 2021.

PRESIDENTE KENNEDY, Prefeitura Municipal de. A cidade. **Dados sobre a história do município**. Presidente Kennedy, 2021.

PÚBLICO. **Alex Jones pede desculpa pelo boato do Pizzagate, o falso caso de pedofilia de Hillary**. 2017. Disponível em: <https://www.publico.pt/2017/03/26/mundo/noticia/alex-jones-pede-desculpas-por-pizzagate-o-suposto-caso-de-pedofilia-que-envolvia-clinton-1766558>. Acesso: em 09 jul. 2021.

ROSA, Pablo O.; SOUZA, Acnaton T.; CAMARGO, G. Matheus. O Combate à “ideologia de gênero” na era da pós-verdade: uma cibercartografia das fake news difundidas nas mídias sociais brasileiras. In: ROSA, Pablo Ornelas (org). **Fascismo tropical: uma cibercartografia das novíssimas direitas brasileiras**. Vitória: Editora Milfontes, 2019.

ROSA, Pablo Ornelas. **Drogas e a governamentalidade neoliberal: uma genealogia da redução de danos**. Florianópolis: Editora Insular, 2014.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação – São Paulo: Atlas, 1987.